

CONTRA FATO, HÁ ARGUMENTO

Débora Cota¹

A revista *Argumento* circulou de outubro de 1973 a fevereiro de 1974, período que faz parte da ditadura militar brasileira. É no fim dos anos 60 e início dos 70, segundo Flora Sussekind no livro *Literatura e vida literária*, que as formas de repressão,— torturas, intervenções, censuras do governo militar —voltam-se para a camada pensante da sociedade brasileira, mostrando sua face mais autoritária e cruel. E, no que se refere à literatura, "(...) uma espécie de Fleury [torturador] das letras acompanha de perto a produção literária dos anos 70". Duas causas são apontadas pela autora para o fato de a censura militar passar a ter como alvo a literatura: a mais relevante, segundo ela, é que inicialmente a censura se preocupava mais com a TV e o cinema, por seu alcance, porém estes meios de comunicação começaram a se auto-censurar, não exigindo mais tanta atenção. A censura militar pôde se voltar para outras áreas como a literatura. Uma outra causa seria a ampliação do mercado editorial.

A revista *Argumento* surge justamente neste período de efervescência editorial e de mudança de estratégia da censura militar. O grupo é formado por Barbosa Lima Sobrinho (Diretor), Anatol Rosenfeld, Antonio Candido, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Corrêa Weffort, Luciano Martins e Paulo Emilio Salles Gomes (Comissão de Redação). Ao contrário deste, outros grupos demonstravam seu descontentamento organizando sabotagens e outros atos mais violentos de repúdio ao governo.

A revista procurou aprofundar algumas questões relacionadas ao momento político que estava em vigor, como por exemplo o subdesenvolvimento. No texto O Modelo Brasileiro (*Arg.* n. 3, p. 24-35), Celso Furtado investiga por que, mesmo com um "progresso técnico e os decorrentes incrementos de produtividade", continua havendo o subdesenvolvimento e demonstra que uma "política de desenvolvimento" voltada a satisfazer os altos níveis de consumo de uma minoria da população (Brasil),



¹ Bolsista de Iniciação Científica — CNPq.

faz com que haja maiores dificuldades sociais e aumenta o custo social de um sistema econômico. Ironicamente bastante atual, este tipo de crítica, freqüente em seus artigos, e o contexto social em que surgiu são possíveis motivos que levaram à censura deste periódico. O momento era de grande controle da liberdade de expressão e se posicionar contrariamente ao que o governo fazia era prejudicar a "ordem" da nação. Para manter esta "ordem", foi colocada em vigor a Lei de Segurança Nacional, que justificava atos de censura e exílio político.

Nos quatro números, a *Argumento* teve pelo menos quinze artigos que se referiam diretamente ao sistema governamental da época e que revelam seu posicionamento de resistência ao poder instituído. Textos como "Os cidadãos da marginal" (*Arg.* n. 1, p. 112-131) ou "Trinta milhões de mudos" (*Arg.* n. 2, p. 91-97), denunciam o desprezo do governo frente aos problemas urbanos e rurais. E ainda encontramos alguns textos que fazem crítica direta à censura. Exemplos destes textos são: a entrevista com Gianfrancesco Guarnieri, Um grito parado no ar (*Arg.* n. 1, p. 89-94), que relaciona a censura à desmotivação para escrever e ao problema de não se saber o que as pessoas querem ver, pois elas já não podem optar; e Histórico de um aborto (*Arg.* n. 4, p. 158), que trata da peça teatral "Calabar, o elogio da traição", censurada.

Da caracterização temática da literatura pós-64 feita por Silviano Santiago no livro *Nas malhas da letra*, destacamos alguns temas que se aproximam daqueles tratados na revista *Argumento*: reflexão sobre o modo como funciona o poder em países capitalistas; descompromisso para com todo e qualquer esforço desenvolvimentista; crítica "radical e fulminante" de toda e qualquer forma de autoritarismo; descoberta da violência do poder e discussão da figura do intelectual.

Estas características ou alguns dos seus aspectos (que também se configuram num possível motivo que levou à censura da revista) podem ser encontrados nos textos citados anteriormente ou ainda em outros tais como: "O contexto e os intelectuais" (*Arg.* n. 4, p. 48-58), de José Arthur Gianotti, que analisa a situação da ciência e principalmente dos intelectuais frente ao estado, deixando claro que estes não lutam para serem cooptados e que, em troca disto, preferem sua situação de marginalidade.

Há ainda um outro texto, pequeno mas significativo, que lastima o fechamento da revista peruana *Política y Sociedad* e faz críticas ao governo militar peruano por seu autoritarismo (*Arg.* n. 3, p. 146). Este artigo não possui título e não é assinado.

Dos ensaios presentes em *Argumento*, 13% são especificamente literários, ficando abaixo de outros assuntos como política, economia e cinema. No entanto, se

juntarmos aos 26% das resenhas sobre literatura, teremos um número bastante significativo de artigos dedicados à literatura demonstrando com isto uma preocupação da revista com relação à área literária.

Destes seis ensaios sobre literatura, três, ao menos, são ensaios de peso da revista, isto é, são ensaios que podem nos revelar a teoria que ela assume: "Literatura e subdesenvolvimento" (*Arg.* N. 1, p.07-24) de Antonio Candido; "Estética e ideologia: o Modernismo em 1930" (*Arg.* N. 2, p. 18-31) de João Luiz Lafetá e "Criando o romance brasileiro" (*Arg.* N. 4, p. 19-47) de Roberto Schwarz. Tais artigos são importantes não apenas pelo fato de serem textos de autores reconhecidos dentro da crítica literária brasileira, mas especialmente por serem estudos que tiveram grande impacto, tornaram-se antológicos e fazem parte, hoje, de livros significativos sobre a nossa literatura².

Em "Criando o romance brasileiro", Schwarz trabalha com categorias como a influência e a dependência, ou ainda com aspectos como a não afirmação de uma cultura própria. Seu estudo gira em torno da questão da importação do modelo do romance europeu para a literatura brasileira. Neste ensaio, trabalha com José de Alencar, mostrando em suas obras as contradições geradas pelo ajustamento deste modelo à matéria local, e preparando o estudo posterior sobre Machado.

Já Lafetá, como o próprio título de seu ensaio adianta, trabalha com o projeto estético de vanguarda e o projeto ideológico da literatura brasileira dos anos 30, mostrando a tensão estabelecida entre estes dois projetos. Para tanto, faz uma contextualização do Movimento Modernista dentro das questões sociais da época, inclusive do anos 30, refletindo sobre a mudança que ocorre dentro do Movimento em relação ao projeto ideológico.

Antonio Candido, no ensaio "Literatura e subdesenvolvimento", traça o caminho que a literatura latino americana percorreu para obter sua própria personalidade. Faz uma discussão sobre o subdesenvolvimento versus a criação literária, dividindo em duas épocas: a da "consciência amena do atraso", e a da "consciência catastrófica de atraso", na qual se aprofunda mais. Para entendermos melhor a linha literária que perpassa estes textos, é interessante verificar a valorização que a revista oferece aos estudos de Antonio Candido.

² O ensaio "Criando o romance brasileiro" é um capítulo do livro *Ao vencedor as batatas*, de Roberto Schwarz, sob outro título: "A importação do romance e suas contradições em Alencar"; "Estética e ideologia: o Modernismo em 1930", de João Luiz Lafetá, faz parte do livro *1930: a crítica e o modernismo*; "Literatura e subdesenvolvimento", de Antonio Candido, está em *A educação pela noite e outros ensaios*.

Entre os cinquenta e três colaboradores da revista, dezesseis são ligados à literatura. Desses dezesseis, há vários professores da USP, e outros que, à época, eram orientandos de Antonio Candido como Flávio Aguiar, Davi Arrigucci Junior, Luiz Lafetá, Roberto Schwarz, Lígia Chiappini Moraes Leite. É preciso mencionar também Paulo Emilio Salles Gomes, que trabalhou com Candido na revista *Clima*. Como podemos evidenciar, Antonio Candido foi mais do que um simples membro da comissão de redação da revista, e é hoje uma peça-chave na análise desta.

Na *Argumento* n. 1 encontramos um texto introdutório que pode ser visto como uma "apresentação". Nele se encontram as propostas que esta revista cultural pretende cumprir: inicialmente, preencher um "vácuo cultural" existente, não utilizando da "dependência", da "acomodação" nem do "arrivismo"; pretende ser um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente e um espaço onde os intelectuais brasileiros que foram "arrancados" de seu mundo possam se reintegrar. Por fim, a revista se propõe ainda a mostrar um "esforço de lucidez".

Mas há ainda uma outra proposta da revista que também se encontra na sua "apresentação" e em suas propagandas e que reafirma as propostas anteriores: "Contra fato há *Argumento*". Esta expressão, que é também um slogan da revista, indica, inequivocamente, que *Argumento* é um periódico "do contra".

Uma possível evidência desta questão estaria no exame das palavras-chave retiradas dos artigos. Termos que remetem diretamente ao assunto abordado no texto, e podem estar revelando a opção da revista por trabalhar com alguma linha discursiva. Ainda que não se perceba uma regularidade na recorrência das palavras-chave, algumas se destacam por estarem relacionadas a outras que aparecem nos textos, formando uma rede. São elas: imperialismo, subdesenvolvimento, ditadura, capitalismo, ideologia, dependência, revolução, EUA, crise, 1968, fascismo, socialismo, golpe militar, liberdade, problemas habitacionais, reforma universitária, 1964. Neste conjunto encontram-se os "fatos" contra os quais se formam os *argumentos* com que trabalha o grupo de *Argumento*, e é a partir desses termos que os autores tratam de cultura e preenchem o "vácuo existente".

Poderíamos nos perguntar aqui: qual a concepção de cultura e a importância da arte dentro da proposta da *Argumento*? Notamos a diversidade de tipos de textos que a compõem: resenhas, ensaios, informes, entrevistas... mas, dentro destes, é ainda mais diverso o assunto abordado: política, educação, economia, artes plásticas, cinema, teatro, futebol, etc. Isto nos levaria a pensar que a concepção de cultura da revista é

abrangente e bastante próxima do que comumente entendemos, ou seja, "um complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores transmitidos coletivamente e característico de uma sociedade" ³.

A revista *Argumento* parece abarcar duas observações de cultura: se de um lado há uma abrangência em relação não só aos seus temas, mas também, a "outras culturas", de outro, podemos verificar uma certa opção por produções mais elaboradas, —que mesclam o assunto a ser tratado com a questão social—, e por autores reconhecidos, pelo menos no meio universitário, atingindo assim um público específico.

Há completa ausência de publicação de produções ficcionais e somente um artigo que contém fragmentos de poesia: "Em torno de uma poesia impura" (*Arg.* n. 2, p. 19-126), do escritor Pablo Neruda. No que concerne à arte, mais especificamente às artes plásticas, podemos dizer que a *Argumento* cedeu a esta um espaço considerável. Encontramos nos quatro periódicos cinco artigos sobre artes plásticas.

Na *Argumento* n. 3 (p. 106-117), junto a um artigo intitulado: "Bienal de quê? Por quê? Com quem? Para Quem?", seguem várias fotos de obras de artistas nacionais e internacionais da XIIª Bienal de São Paulo, 1973. E sobre esta mesma Bienal, há ainda um artigo na *Arg.* n. 4 (p. 137-144), sob o título: "XIIª Bienal: lista sumária de sobreviventes", que também apresenta fotos. Faltou-nos ainda falar de "Retrospectiva de Milton Dacosta", de Gilda de Mello e Souza (*Arg.* n. 2, p. 85-90), que trata de uma exposição das obras do autor e apresenta algumas fotos destas.

Pode-se verificar duas perspectivas que contornam estes artigos: de um lado uma perspectiva de "arte engajada", como as pinturas marcantes de Kathe Kollwitz e os artigos sobre Milton Dacosta e Flávio de Carvalho, dois artistas conhecidos por suas descrenças aos poderes constituídos e indiferença às modas vigentes, e de outro uma crítica à função e organização da XIIª Bienal de São Paulo. Há ainda outro artigo que, pelo fato de estarmos falando em "produção engajada", deve ser destacado: "Nosso verso de pé quebrado" (*Arg.* n. 3, p. 81-94) de Antonio Carlos de Brito e Heloísa Buarque de Holanda, que trata do problema da não ascensão da produção poética da época que apresenta características de autonomia e passa a ter valor de um ato de resistência.

³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 508.

Analisando mais de perto esta questão da atividade criativa, evidenciamos que a não publicação de produções ficcionais, a quase ausência de produção poética, a crítica à XIIª Bienal e a preferência por ensaios/estudos na revista *Argumento* podem ser sintomas de uma situação constatada hoje no meio da arte: seu declínio. Mas esta já é uma outra discussão.